

## ECONOMIA

# América Latina em recuperação

Região cresceu 5,5% em 2004, com inflação baixa e bons resultados fiscal e comercial

Luciana Rodrigues

Depois da década perdida de 80, a hiperinflação e os planos de estabilização na virada dos anos 90 e as crises cambiais do início do novo milênio, as economias da América Latina parecem, finalmente, ter reencontrado o caminho do crescimento com estabilidade. Em 2004, segundo projeções da Comissão Econômica para América Latina (Cepal, da ONU) e de grandes bancos de investimentos, a região obteve a maior expansão do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas geradas) desde 1980.

De carona no avanço global, o crescimento nos países da América Latina foi, em média, de 5,5%, nas estimativas da Cepal. E veio acompanhado de inflação sob controle (7,7%), queda do desemprego — a taxa recuou de 10,7% para 10% — e aumento do superávit comercial.

Os analistas explicam que as economias da região cresceram na esteira da explosão das cotações internacionais das commodities e da expansão de 17% no comércio global. Para se ter uma idéia, os preços da soja chegaram a registrar alta acumulada, em 12 meses, de 62% durante 2004. E o petróleo fechou o ano 35% mais caro. As vendas de grãos e carnes de Argentina e Uruguai, soja brasileira, cobre chileno e petróleo de Venezuela e México, para citar alguns exemplos, fizeram o saldo comercial da região alcançar US\$ 62 bilhões.

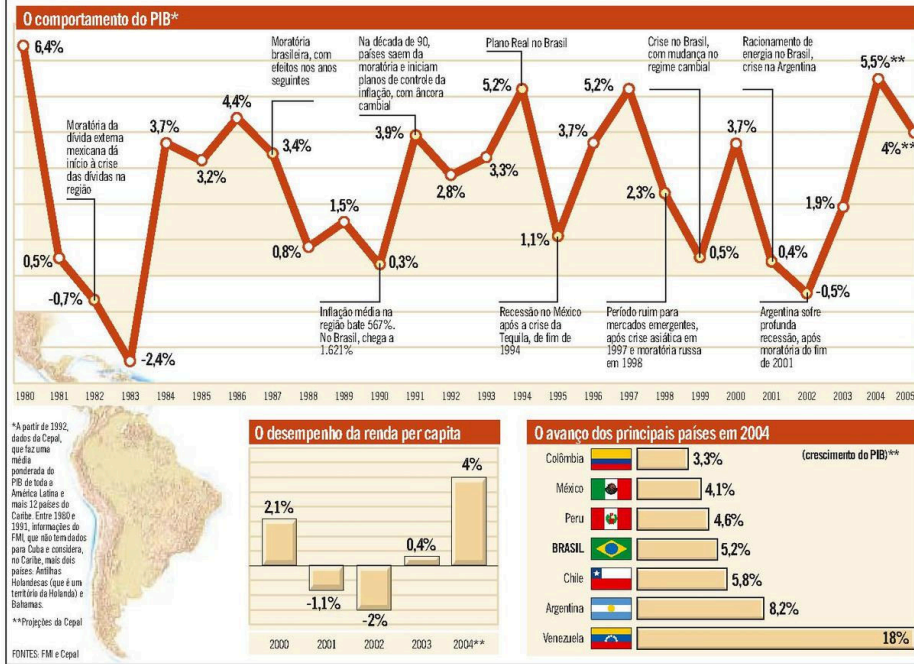
## Benefícios obtidos também com a expansão global

Mas, ressaltam os especialistas, se não fossem políticas econômicas internas adequadas, com câmbio flutuante (à exceção da Venezuela), inflação baixa e bons resultados fiscais, a América Latina ficaria, mais uma vez, ao largo do bom desempenho global.

Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), lembra que, na década de 90, os anos de ouro da Era Clinton (do ex-presidente americano Bill Clinton, que levou o país e, conseqüentemente, o mundo, a um forte crescimento econômico) encontraram a América Latina na transição de regimes de câmbio fixo — usados para controlar a inflação — para taxas flutuantes, como as atuais.

— Dessa vez, a região tirou proveito do ciclo de expansão global. A

## Os indicadores da América Latina



América Latina quebrou um padrão histórico e conseguiu crescer com abertura comercial em 2004. Assim, há uma chance real de a região renascer das cinzas e seguir com bom desempenho nos próximos anos — diz Langoni.

O câmbio mais competitivo foi fundamental para garantir o sucesso comercial da região, diz Renato Baumann, diretor do escritório da Cepal no Brasil:

— As políticas foram mais ativas, para tornar as moedas competitivas. E o crescimento das exportações foi simultâneo a um aumento do mercado interno. Na Argentina e no Uruguai, isso foi notável. No Brasil, também ocorreu, sobretudo a partir do segundo semestre.

Cálculos da Cepal mostram que

uma expansão da economia de 4% já é suficiente para reduzir o desemprego na região. Em 2004, o crescimento foi de 5,5% e, para este ano, a comissão prevê um avanço de 4%. Baumann lembra que, graças ao bom desempenho da economia e a uma taxa de natalidade menor, o PIB per capita da região aumentou 4% em 2004. Foi a primeira alta significativa desde 1997, quando cresceu 3,4%.

Paulo Vieira da Cunha, economista-chefe para a América Latina do HSBC, em Nova York, acrescenta que o avanço da região em 2004 foi facilitado pelo fato de muitos países estarem saindo de crises profundas. Além de Argentina e Uruguai, ele cita Colômbia, Peru e até mesmo Brasil, que en-

frentou uma estagnação em 2003:

— Assim, foi possível crescer sem grandes esforços de investimento. E o cenário externo era excepcional: há muitos anos, não havia crescimento simultâneo das principais economias do mundo, com EUA, China, Europa e até mesmo o Japão em expansão.

Cunha destaca que, cada vez mais, é difícil falar em América Latina como um todo, devido às particularidades de cada país. O México, por exemplo, tem a sua dinâmica de crescimento muito vinculada aos Estados Unidos. Mas, de qualquer maneira, o crescimento na região foi excepcional em 2004 e, em 2005, tende a não ser tão bom, dado o freio esperado na expansão global, diz o analista.

Walter Molano, sócio do BCP Securites, banco de investimentos americano especializado em América Latina, prevê um crescimento regional de 4,2% em 2005, mas dessa vez impulsionado pelo mercado doméstico, com alta de quase 10% nas importações. Molano aposta numa recuperação do consumo interno e num aumento dos gastos públicos, graças ao calendário eleitoral:

— Entre dezembro de 2005 e outubro de 2006, sete das oito maiores economias da América Latina (incluindo o Brasil) terão eleições presidenciais.

Renato Baumann, da Cepal, afirma que, para garantir a continuidade do crescimento, será preciso aumentar a capacidade produtiva desses países.

## Argentinos voltam a ter confiança no país

Desempenho econômico melhora a expectativa a curto prazo, mas cautela persiste

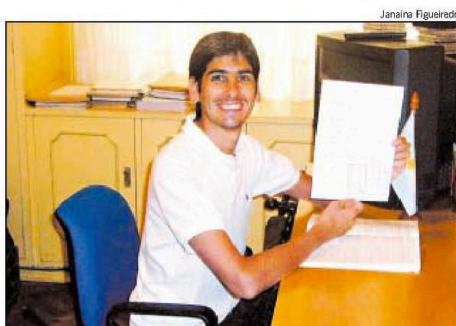
Janaina Figueiredo

Correspondente

• BUENOS AIRES. Nada de depressão, angústia e ceticismo. Depois de ter enfrentado uma das piores crises de sua História, a maioria dos argentinos voltou a confiar em seu país deixando para trás as dúvidas e temores do passado. De acordo com pesquisa da empresa de consultoria Graciela Romer e Associados, 57% dos argentinos consideram que a situação do país melhorou em 2004, em relação ao ano anterior. A mesma pesquisa indicou, ainda, que mais da metade da população acredita que 2005 será ainda melhor.

Na visão da socióloga Graciela Romer, os argentinos conseguiram superar as turbulências políticas, sociais e econômicas mas, em compensação, hoje são muito mais cautelosos do que eram:

— Eu diria que, em geral, existe um clima de expectativa moderada. A confiança foi recuperada, mas os



ALEJO LINARES: emprego melhor e empréstimo para comprar apartamento

De fato, o bom desempenho da economia nos últimos dois e meio — Lavagna assumiu o comando da pasta econômica em abril de 2002 — levou muitos argentinos a inves-

tamento no Bairro Norte, de Buenos Aires, avaliado em US\$ 30 mil.

— Quando comeceti a pesquisar o custo dos empréstimos bancários, em 2002, os juros anuais atinziam

cebemos que o país está melhor. O trauma da crise ainda está presente mas deixou de ser um obstáculo para crescer — afirmou o estudante argentino, que este ano pretende se formar e já começou a pensar em seu casamento com Elna, de 25, sua namorada há seis anos.

Embora a desvalorização do peso — aplicada em janeiro de 2002 — e o conseqüente aumento dos preços tenham significado um duro golpe no poder aquisitivo dos argentinos, o consumo no país continua crescendo. De acordo com a empresa de consultoria Home Research, em 2004 as vendas de produtos que integram a cesta básica subiram 2,9%. Porém, as viagens para Miami, um dos principais destinos escolhidos pelos argentinos durante os 11 anos de paridade entre o peso e o dólar, passaram a ser luxo do passado. Hoje, o consumo dos argentinos está em alta, mas se limita basicamente ao mercado interno.

Os indicadores econômicos con-

## Desafio é retomar os investimentos

• Retomar os investimentos para ampliar a capacidade produtiva e reduzir a enorme desigualdade social são os grandes desafios para os próximos anos, dizem os analistas. Renato Baumann, da Cepal, lembra que, hoje, na região, a taxa de investimento está em 20% do PIB, abaixo do pico de 25% da década de 70 e bem inferior ao padrão asiático, de 30%. Além dos recursos externos (espera-se um maior fluxo estrangeiro para a região em 2005) será preciso ampliar os investimentos domésticos sem comprometer as políticas fiscais.

— As parcerias público-privadas (PPP) que o Brasil quer adotar podem ser um ovo de Colombo. O modelo já deu certo, por exemplo, no Chile.

O crescimento, por si só, já reduz a pobreza, diz Carlos Langoni. Porém, num primeiro mo-

